

ENTREVISTA

Isabela Nascimento Frade

Licenciada em Artes pela PUCRio, com Mestrado e Doutorado em Comunicação e Pós Doutorado em Artes pela ECA/USP.

Área de Atuação: arte educação e crítica cultural

1. Professora Frade, atualmente que projetos desenvolve no campo das relações entre arte e educação?

Estou intensamente mobilizada pelas questões relacionais no campo da arte. É um aspecto de meu interesse pelas suas formas comunicantes. Uma investida que, em 2009, se traduziu na concepção do Terra Doce, projeto que vem promovendo interações entre as comunidades femininas da Uerj e da Mangueira. Cresço no interesse pelos processos coletivos de produção, reflexão e troca de saberes e concepções de vida tendo arte como lugar para o exercício da liberdade, no reconhecimento e no acolhimento da diferença. Surge assim o coletivo de arte O Círculo, devotado às experiências de aproximação e compartilhamento. Realizamos juntos, enquanto proposição coletivizada, cursos, oficinas, intervenções e apresentações artísticas dentro e fora do âmbito acadêmico. Esse projeto hoje se expande por três instituições diferentes, onde estamos interagindo e apoiando trabalhos educativos na comunidade mangueirense. Nasce então o projeto TERRA, ARTE & VIDA: saberes partilhados, laços comunais e ações ambientais. Vale comentar que a cerâmica tem sido a materialidade que suporta e instiga esses processos de experimentação plástica, onde a massa se faz como carne da terra, como corpo do mundo e cuja plasticidade realiza o imaginário da polimorfia humana. Tocar no processo primordial de sentir e modelar o mundo com as próprias mãos, lançando-nos no vergar o vetor do tempo com vigor ao percorrer em mão dupla o desenvolvimento da tecnologia aplicada do grão ao pixel. É significativo o fato que o grão de argila ser a menor porção de matéria, enquanto o pixel, o menor índice de informação da imagem. Brincamos com essas possibilidades e cruzamentos,

estendendo a seta do tempo em fita moebiana pelos deslocamentos recursivos. Ampliamos a perspectiva de vida de cada integrante dessa roda pelos jogos que se estabelecem entre individualidade e coletividade, tendo como espaço de referência o plano das discussões teóricas e narrativas pessoais sobre o feminino no contemporâneo.

2. Como analisa as relações entre Arte e Comunidade no contexto das Universidades?

Venho atuando em ações comunitárias desde 1996, com o projeto extensionista Cerâmica Viva. Iniciamos em equipe multidisciplinar a mapear o campo de forma mais abrangente, fazendo contatos com artistas populares e ceramistas no Estado do Rio de Janeiro, pensando nas esferas das artes que se manifestam na cultura popular, entendendo que o espaço de formação do artista se situa para além dos muros da universidade. Estabelecer essa linha de trânsito de dentro para fora permite que essa pesquisa sobre a arte se vivifique ao se aproximar das práticas concretas, cotidianas, do labor diário dos que se dedicam a ela. Nesse sentido, a cerâmica se revelou um campo interessante: além de seu extenso trajeto histórico (nas reconhecidas primeiras manifestações imagéticas da pré história) à ampla diversificação social de suas manifestações, que envolvem ciência pesada, arte contemporânea e a arte popular, citando essas três referências de modo genérico, mas no entender que entre as três instâncias existem muitas possibilidades de cruzamento e co influência – e que se desenvolvem de forma particular em determinados ambientes e contextos. Assim, a comunidade envolvida, termo que estou aqui tratando como coletividade composta de pessoas com interesses compartilhados, se definiu, para as nossas ações, como reunião de sujeitos articulados por esses desejos e necessidades pela cerâmica, pelo barro, pela terra. Assim, estão vinculados ambientalistas, químicos, artesãos, artistas, educadores, terapeutas, restauradores, historiadores, entre tantos que buscam se aproximar desse campo de saberes, mesmo os diletantes e simplesmente curiosos. Esse modo de atuar, se defronta hoje, com a definição mais corrente do termo comunidade, que vem indicando conjunto de pessoas em situação de

risco social, com baixa condição econômica e social, substituindo o termo favela. O fato é que as pessoas não se identificam mais com o termo favela, estigma que fere e corrompe a dignidade dos que ali vivem. Já se tornou corrente essa forma politicamente correta – da qual sou totalmente a favor! – e que, pelo que pesquisa informa, é identidade auto designada. Quando hoje o projeto se afina no diálogo com a comunidade mangueirense, atual missão onde me envolvo pelo subprojeto Terra Doce, essa dupla acepção do termo persiste e se desdobra em novos contornos do que se poderia chamar de grupo de compartilhamento. Por isso mesmo, nos lançamos na aventura de constituir um coletivo. Estamos em estado de imersão: o Círculo de Arte da Terra é um trabalho de pesquisa ação no criar novos subsídios para se pensar a arte em sua condição basilar: partimos então de uma concepção de inspiração kantiana na noção de uma comunidade estética. Estamos, seguindo nesse desenvolver essa categoria, em um terceiro momento, ou em outro nível do que se poderia designar comunidade. Então nos perguntamos: é a localização espacializada o ponto de reunião de uma comunidade ou é exatamente essa fuga de uma determinação territorialista que a deflagra? Outra importante questão para se pensar sobre esse aspecto: o que fazem hoje os meios tecnológicos de comunicação ao proporcionarem essa desterritorialização radical dos sujeitos? E são tantas e instigantes as formas que se podem abordar esse apaixonante tema. Gostaria ainda de comentar que é preciso saltar para fora de uma visão romantizada, que desconhece os micro poderes que atuam nas formas da coletivização. No seu livro *Comunidade*, Zygmunt Bauman reflete sobre as diferentes acepções do termo, indicando de modo contundente os aspectos repressivos que se constituem nesses agenciamentos. Como as relações de poder refletem as macro políticas e assumem, com relação a essas, contornos específicos de (des)localização dos sujeitos, é condição a ser considerada em primeiro plano. Essas indagações hoje se destacam, especialmente na área de artes, pelas investidas na constituição de aberturas e aproximações com comunidades populares. E respondendo de modo direto agora à sua pergunta: de certo modo, algumas dessas ações adquirem caráter protecionista ou paternalista, com a universidade atuando, nos espaços marginalizados e periféricos,

de modo verticalizado. Há que se pensar nessa assimetria entre os sujeitos e na suposta “bondade” que se deflagra nesse cuidado com as coletividades marginalizadas. Para fugirmos desse risco, buscamos constituir essa aproximação em forma horizontalizada, colocando a universidade também como espaço a ser transformado, a ser absorvido e modelado nesse diálogo.

3. Vivendo a experiência de formar professores de Arte em um dos importantes centros culturais do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro, como vê os principais aspectos, digamos os nós da formação nessa relação Arte Contemporânea e seu ensino formal?

O Instituto de Artes da UERJ vem se caracterizando como instituição diretamente comprometida com a Arte Contemporânea. Parto desse vínculo para a reflexão sobre o valor da arte na formação dos sujeitos e das sociedades. Minha particular perspectiva, nesse âmbito, é o aporte multiculturalista: polifonia, multiplicidades, alteridades e divergências são sempre bem vindas quando se pretende tratar com a diversidade. O entendimento sobre o valor das diferenças é a pedra de toque. Considerando o hiato na comunicação da arte contemporânea com os diferentes extratos sociais, é importante observar como as instituições se postam diante desse contexto. Observo que as escolas estão sendo diretamente envolvidas nas políticas de formação de público e isso é um fator determinante nos espaços de referência da arte contemporânea: as escolas se tornaram o público majoritário de certas mostras e exposições de grande porte como as Bienais. Importante notar que se vem reconhecendo a condição de emancipação dos sujeitos e se atuando de acordo. De monitores explicadores do passado, temos hoje os dinamizadores, os sujeitos que travam contatos e estimulam trocas. Sob esse aspecto, as escolas não mais se constituem com espaço outro de uma educação para a arte. Advém daí fatos positivos e negativos. No primeiro caso, abandonamos a prática anacrônica e utilitária de uma educação através da arte. De outro, corremos o risco de perder a intimidade com os processos educativos mais profundos, com a construção paulatina, cuidadosa, das inteligências estéticas e éticas. O

risco de sermos controlados pelo sistema é grande. Sabemos dos fortes interesses que dominam as instituições de arte.

No Rio, a influência na formação docente do educador Paulo Freire é significativa, o que nos torna permeáveis a essas idéias mais engajadas do diálogo ampliado com o público diversificado, ele mesmo portador de uma cultura potente, rica. Não há o que mudar sem o unir para a troca e para o contágio mútuo. Estamos, no entanto, desmobilizados para o engajamento político enquanto categoria profissional. O arte educador no Rio é um sujeito atomizado, independente, que busca constituir o seu trabalho de modo autônomo.

4. Que outros espaços de atuação não formais o egresso da UERJ encontra para sua prática profissional?

Encontram nos projetos sócio educativos do Terceiro Setor, nas instituições de arte como museus e centros culturais um novo espaço de atuação. E estão preparados para essa inserção no campo extra escolar. Em nossa disciplina Prática de Ensino estimulamos o licenciando para que ele se lance em participações variadas que extrapolam o ensino formal e que se exercite em outros espaços, em condições bem diferentes, que ouse se experimentar. Nossos próprios projetos de extensão servem a esse propósito de alimentar esse repertório. No entanto, ainda se pode detectar uma convencional e conformada clausura nos estágios do Colégio de Aplicação que, mesmo em condição de excelência, não deve ser o único campo de pesquisas metodológicas. Nossa perspectiva pedagógica é diversificar e multiplicar essas possibilidades na Licenciatura.

5. Você na condição de artista, professora e pesquisadora que aspectos orientam sua prática artística? Teria alguma imagem desse processo?

As três condições se relacionam no meu trabalho de modo indissolúvel: ser artista é ser educadora, ser educadora é ser artista e ambas as

pontas desse processo retroalimentador se encontram em modo de pesquisa constante, interrogando o mundo, seus objetos e os sujeitos que nele circulam e produzem. A pesquisa, assim, se enfeixa sobre duas ramificações: pesquisa em artes, pesquisa sobre artes – o que busco como conhecimento se amplia para além do que eu mesmo produzo como forma artística e envolve, especialmente, a questão comunicativa na arte. Interessa-me, sobretudo, os modos como as manifestações artísticas se disseminam, são consumidas e se tornam, pelos usos e apropriações diversas, em húmus, na terra fértil da cultura. Invoco o aspecto essencial como a dimensão relacional da arte – o artista é sujeito da cultura e não produz sem essa conexão com a totalidade (não no sentido de unicidade do termo, mas significando multiplicidades e dissonâncias das polifonias) dos seus saberes e práticas. Não é apenas nos catálogos da arte institucionalizada que ela subsiste, pois acontece também nos fazeres cotidianos e nos modos de ser e de estar onde vigora a via estética profunda e que se propagam em todas as instâncias da vida.

6. Para você, como anda o ensino de arte nas escolas brasileiras nos últimos anos?

Ainda me espanto em ver que algumas escolas seguem a burlar a legislação, evitando discursar e praticar a arte em seus domínios. Mas, felizmente, a cada momento, essa condição se reduz. Chegaremos exatamente ao reconhecimento pleno em breve tempo. São todas as escolas a se descobrir no fio vermelho da arte, a realizar o trabalho educativo que serve a todos os propósitos do desenvolvimento humano. Esse crescente reconhecimento investe a fundo no desdobramento cognitivo, processo que requer a associação intrínseca dos processos mentais aos emocionais e que se maturam na participação no mundo da cultura (incluindo aí não apenas o círculo aproximado e referencial próprio de cada um dos sujeitos, mas o ampliado contexto multicultural contemporâneo). Ressalto aqui a importância de dar à arte o espaço para seu desabrochar pleno nos ambientes escolares: sair de um tempo ou dois por semana e entrar em cheio nos projetos e atuações inter e

multidisciplinares. Caminhamos no extrapolar os compêndios da História da Arte – nossa referência maior no final do século passado – e na sua inflexão com outros campos de conhecimento, investigando sobre uma possível e desejável Geografia da Arte, uma Química dos corpos plásticos e tantos outros formatos híbridos que pudermos sonhar para essa conjugação em duplas, tríades, ou qualquer das associações elencadas dos saberes todos que podem, sem dúvida, servir de fomento para as artes. As artes podem estar vinculadas na formação de uma equipe multilinguagem trazendo a dança, o teatro, a música em diálogo com as artes visuais. O que o diagnóstico revela é que as escolas escolhem uma das musas e a ela se dedicam. De um modo geral, tempo escolar é exíguo e cabe às artes um espaço ainda pouco expressivo. Nesse aspecto, é interessante notar que as escolas públicas estão oferecendo maior riqueza de abordagem, pois observamos equipes no ensino oficial que contemplam esse elenco e atuam de modo mais contundente no âmbito institucional.

Novas práticas se instauram no revisitar os modelos antigos de ensino da arte, como a produção do artesanato, por exemplo. As antigas e tristes lembrancinhas para os pais se revigoram e são ressignificadas pelo fato de traduzirem relevantes relações no interior da comunidade escolar, colocando o professor de arte como mediador dessa importante interação. A produção das festas e painéis hoje se pode identificar na presença ampliada da arte no contexto escolar, na exploração de espaços de convivência e trocas comunicativas entre alunos, docentes e familiares. Importante também reassaltar que os próprios alunos, eles mesmos, desenvolvem procedimentos que devem ser valorizados e observados como manifestações estéticas reveladoras. A escola se constitui em um ambiente muito rico para essas práticas.

7. A pós-graduação em Artes vem crescendo nos últimos anos, fato que tem acrescentado novas perspectivas de relação com os cursos de graduação. Em sua realidade como estes aspectos se apresentam?

Esses efeitos do fortalecimento da pesquisa na área de artes se fazem sentir na Graduação especialmente por se constituírem como novos desafios para transformação do campo de atuação a partir de melhores recursos técnicos e com a formação mais acurada de educadores em arte. Reconhecidos mestres tem a oportunidade de estabelecer novos programas e criar novas condições de trabalho. Esse progressivo fortalecimento do meio traz, aos ainda se preparam para o seu ingresso, forte estímulo. Nossos estudantes estão animados, estimulados e cheios de confiança. Acho isso bárbaro. Mas esse é um sintoma delicado, interno, que percebo ao estar lidando intimamente com os graduandos. De um modo mais geral, esse crescimento da área traz desafios ao entendimento do que seja o próprio trabalho acadêmico: as discussões das comissões de pesquisa na pós incluem os novos parâmetros que devem ser estabelecidos ao se considerar a produção artística no quadro de categorias gerais de produção acadêmica: qual a natureza do conhecimento em artes? Como identificar e qualificar essa produção? Essa discussão é uma oportunidade de mudança, forma de crescimento da própria universidade como um todo.

8. Quais os grandes desafios da orientação na pós-graduação?

O tempo para a pesquisa e o estudo é o maior desafio. Estamos comprimidos em obrigações e deveres, o tempo da reflexão é precioso. Somam-se a ele a disposição para o progressivo aprendizado da pesquisa que, em muitos casos, é negligenciado. Como me devoto à pesquisa empírica, é esse entendimento dos diferentes modos de observação, descrição e reflexão deflagrados na pesquisa de campo, em condições e contextos específicos e em condição de alteridade que considero mais importantes e mais delicados: em muitos casos se observa a violência interpretativa que deforma e conduz, com rapidez, aos moldes originários de partida. Quase sempre se encontra o que se quer justificar: os resultados são a obviedade e a previsibilidade. Pra mim, o processo se dá de modo inverso. Pesquisar é participar de uma aventura.

9. Na sua concepção qual o papel das tecnologias na formação de professores de artes?

Se entendermos a arte como ultrapassagem da tecnologia, como jogo na linguagem para fora de seus registros mínimos operatórios, essa formação deverá se voltar com urgência para a pesquisa dos novos recursos e meios. É na superação constante dos limites dos aparelhos que estaremos acompanhando o movimento de desenvolvimento tecnológico. Brincar com a caixa preta é imprescindível.

Saber decifrar os novos códigos, transpor linguagens, se adequar a novos formatos de informação e comunicação é mais penoso para as gerações maduras. A universidade é lenta e trata de se adequar ao déficit de atualização tecnológica. O mais interessante é quando se cruzam as temporalidades e o antigo se flexiona com o novo - isso se estabelece numa situação fecundante. Sob esse aspecto, na arte não existe superação nem obsolescência: o velho transa com o novo, e deflagra, com isso, processos poéticos de grande vigor.

10. Que aspectos gostaria de acrescentar para essa entrevista a fim de que nossos leitores possam conhecer melhor seu contexto? Ou mesmo outro elemento que seja seu foco de estudo, reflexão ou ação?

Gostaria de indicar dois links para que os que queiram observar melhor as produções recentes que apresentei aqui:

www.ppgartes.uerj.br

<http://terradoceuerj.wordpress.com>